

PRÁTICAS NARRATIVAS COLETIVAS: TRABALHANDO COM INDIVÍDUOS, GRUPOS E COMUNIDADES QUE VIVENCIARAM TRAUMAS

DAVID DENBOROUGH

**MARIA ANGELA
TEIXEIRA**

Psicóloga,
psicoterapeuta
individual, de casal
e família, mestre em
Família na Sociedade
Contemporânea (UCSal)

David Denborough, autor de diversos livros, é assistente social, escritor, professor, compositor e terapeuta comunitário com enfoque narrativo no Dulwich Centre em Adelaide, no Sul da Austrália. O Dulwich Centre é uma instituição que ensina e divulga a Terapia Narrativa com base nos conceitos introduzidos por Michael White e David Epston. Neste sentido, o livro de David Denborough é um exemplo inovador e sensível de como usar os conceitos da Terapia Narrativa de modo objetivo, empregando metodologias novas, muito criativas e práticas.

No livro *Práticas narrativas coletivas: trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*, Denborough descreve de forma especial sua ampla experiência na prática terapêutica da narrativa comunitária. O livro é composto de três partes divididas em: *Conceitos chaves da narrativa e relato de um atendimento*, *Metodologias da esperança* – que abarca sete capítulos e relata a prática dessas metodologias –, e *O contexto mais amplo*, distribuída em três capítulos.

No conteúdo do livro, vislumbramos as crenças e valores que permeiam a prática terapêutica do autor. As influências recebidas por David D., como é conhecido no Dulwich Centre, foram repassadas para as ações descritas no livro. Primeiramente, quando ele destaca nos agradecimentos os valores recebidos dos pais: “*Frente a obstáculos aparentemente intransponíveis, se você não se reunir com outras poucas pessoas, agir e fazer sua contribuição... nunca saberá as possibilidades que seguirão.*” Essa crença faz parte da sua ação pessoal e terapêutica.

Segundo, quando narra no prefácio o desafio oferecido por Paulo Freire (quando o entrevistou em 1999), e enfrenta o desafio do “fatalismo neoliberal” e o desespero ao escrever este livro, fruto da “*pedagogia da esperança, a esperança de quem conhece o desespero e por esse motivo se torna mais forte*”. Esta é a prática que ele descreve na parte dois do livro com o título “Metodologias da esperança” quando está “*trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas.*”

E por último, mas tão importante quanto, o conhecimento profundo que possui da Terapia Narrativa - que aprendeu com Michael White, David Epston e Cheryl White. Estas três influências, a música e outras que não aparecem abertamente no seu livro, permeiam sua prática terapêutica.

São apresentadas no livro as metodologias que o autor usa para atender indivíduos, grupos e comunidades que enfrentam dificuldades.

Na Parte um, no primeiro capítulo, o autor relata o atendimento a um indivíduo numa prisão de segurança máxima, e “*demonstra princípios fundamentais da prática narrativa coletiva*” (padrões de discurso, interações e intenções coletivas). Nessa situação, David D conclui que quando se trabalha com experiências traumáticas, também se trabalha com problemas sociais e que o fato do indivíduo saber que está sendo útil contribui para a mudança do seu comportamento.

As Metodologias da Esperança na Parte dois abrangem *os documentos narrativos coletivos* onde são enfatizados os meios escritos e orais de documentar e re-narrar os modos de reagir quando se enfrenta grandes dificuldades. Para o autor o processo de elaborar um documento inclui: narrar habilidades, conhecimentos ou valores essenciais no momento de enfrentar tempos difíceis. Contar uma história dessas habilidades ou valores, buscar com quem se aprendeu e procurar saber se de alguma forma está ligada a tradições coletivas é muito importante. Considera ainda que esta forma de documentação possa acontecer como num fórum, de modo a “*produzir e documentar memória social de resistência e firmeza*”, além de permitir identificar outras pessoas que poderiam se beneficiar deste tipo de documento narrativo. Para ele esta é uma *forma diferente de testemunho histórico*.

O uso de documentos narrativos facilita contribuições através das trocas de mensagens e a realização de rituais e cerimônias de definição são descritos com exemplos. Michael White introduziu o conceito de *cerimônias de definição* da antropóloga Barbara Meyrhoff no contexto terapêutico e David D descreve como os empregou nesses processos de trocas entre comunidades de práticas culturais diferentes.

A metodologia da *Árvore da Vida* desenvolvida por David Denborough e Ncazelo Ncube já é conhecida, porém neste livro é descrita passo a passo, como e para quem foi originalmente desenvolvida. Para David D um dos motivos para a metodologia da *Árvore da Vida* ser tão popular é o significado da metáfora em si.

Outra abordagem fascinante é a metodologia do *Time da Vida* que insere o significado do esporte em nossas vidas e descreve a metáfora de expor experiências traumáticas na vida dos jovens ou adultos de modo diferente, desta vez através do esporte. São descritos os passos do processo, as ideias pelas quais as histórias foram documentadas e, como desse modo permite contribuições para a vida de outros que enfrentam dificuldades semelhantes.

O autor ainda apresenta uma lista dos sinais de resistência social e psicológica e esclarece com um exemplo o tipo de história que pode surgir quando esta lista é utilizada. “*O processo gera linhas no tempo e mapas de histórias narrativas coletivas... Combina um rico sentido de propósito compartilhado e um rico reconhecimento da diversidade como algo valioso* (p.159).” Cita Paulo Freire (1992) no sentido de “*Criar unidade na diversidade*”.

A música é alimento para a alma de David D e, como não poderia deixar de ser, ele a inclui no seu trabalho e a “*utiliza como uma peça chave nos processos de reação a traumas e dificuldades, ao transformar trauma e tristeza em música... A angústia deu lugar a arte e, em seguida a contribuição social* (p.174).”

No final do livro, na parte três, ele almeja ampliar o horizonte para além do individual/ coletivo, nos oferece Dez Temas das Práticas Narrativas e nos convida a participar do processo perguntando: “*Podemos contribuir para o movimento social?*”

Enfim, este livro explica de modo criativo e inovador como realizar a Terapia Narrativa. Nele aprendemos a teoria junto com a prática. Nas diversas metodologias que narra, a teoria vai dando espaço para depoimentos de experiências vivas. O livro é de leitura fácil, torna fácil o que poderia ser difícil e é apoiado por uma bibliografia abrangente que sinaliza para mais pesquisas sobre o assunto do livro.

Assim como David Denborough, acredito sinceramente “*que as reações ao trauma e os atos de criar, compartilhar e apresentar a cultura popular local andam de mãos dadas*” (p.174), e, sem medo de errar, posso afirmar que este é um livro que toda pessoa interessada na Terapia Narrativa deve ler.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

DENBOROUGH, D. (2008). *Práticas Narrativas Coletivas, trabalhando com indivíduos, grupos e comunidades que vivenciaram traumas*. Trad. de Adriana Muller, Roberto Dias e Viviane Oliveira. Adelaide: Dulwich Centre.